

**A SOCIEDADE PORTUGUESA DE BENEFICÊNCIA DE SANTOS.
ESTRATÉGIAS E AÇÕES DAS DIRETORIAS PARA O DESENVOLVIMENTO
DA INSTITUIÇÃO: PERÍODO 1859 A 1878**

MARIA SUZEL GIL FRUTUOSO

O presente estudo aponta a *Sociedade Portuguesa de Beneficência* como um dos marcos mais importantes da presença lusa na cidade de Santos. Os primeiros tempos da Instituição mostram o trabalho e a dedicação de seus membros que através de estratégias e ações, cumpriram os principais objetivos inicialmente propostos.

SANTOS, SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Ao olharmos para a atual cidade de Santos, é quase impossível pensar na cidade do passado. A cidade do século XIX e do início do XX que nos é apresentada pelo pintor Benedito Calixto, nos mostra uma cidade diferente e em muitos aspectos linda. As impressões de viajantes, os textos de escritores, os relatórios médicos e das autoridades sanitárias, as fotografias e os cartões-postais, entre outros, dão um testemunho de quão difíceis eram as condições nesse período, e as mudanças salutaras pelas quais ela passou ao longo de décadas.

Na segunda metade do XIX, e em especial nos anos que vão de 1850 a 1880, a cidade passou por diversas crises, que a afetaram em maior ou menor profundidade. As doenças e epidemias grassaram a todo o momento e a Guerra do Paraguai também a afetou. Um núcleo populacional, apertado entre morros, às margens de um estuário protegido, de costas para o mar, e ao longe uma muralha formada pela Serra do Mar, que precisava ser ultrapassada para se chegar ao Planalto, onde se encontrava a cidade de São Paulo, e de lá para o interior agrícola.

A cidade possuía belos edifícios públicos, religiosos e particulares, mas, guardava uma fisionomia provinciana. Um porto movimentado que, pouco a pouco, se transformaria em via fundamental de exportação e importação de produtos e mercadorias para a Província de São Paulo. O primeiro desses produtos foi o açúcar, depois o café, o grande responsável pela explosão urbana e comercial, cujas exportações cresciam década após década.

O trabalho portuário, os serviços e os melhoramentos urbanos necessitavam de mão de obra, atraindo um grande número de imigrantes, levando ao crescimento populacional e à expansão urbana, de seu antigo núcleo, em diversas direções na planície e, também, do sopé dos morros às encostas e ao cume.

O café trouxe europeus, especialmente italianos para o interior paulista, e mão de obra para o porto santista, principalmente os imigrantes portugueses.

As difíceis condições de saneamento e saúde, o crescente aumento populacional, a falta de moradias para os mais pobres, provocaram um aumento dos cortiços onde se aglomeravam famílias. Ao lado de belos sobrados familiares, as moradias coletivas, barracos em quintais, chalés feitos de pranchas de madeira em áreas alagadiças na periferia.

As doenças e epidemias flagelavam a população e a mortalidade era alta. O Projeto de saneamento e desenvolvimento estava por vir, seria implantado na segunda década do século XX, mas apesar dessa situação de insalubridade, Santos era uma importante praça comercial e em franco progresso.

A SOCIEDADE PORTUGUESA DE BENEFICÊNCIA: PRIMEIROS TEMPOS

Diante dessa realidade, um grupo de portugueses, tocados pelas dificuldades de muitos de seus compatriotas, percebeu a necessidade de amparo que tinha parte da colônia lusa da cidade. Assim, iniciam-se os primeiros tempos, daquela que viria a ser a mais emblemática instituição portuguesa de Santos.

A IDEIA E A PRIMEIRA REUNIÃO

Dois portugueses, José Joaquim de Souza Ayram Martins e Joaquim José da Costa e Silva, convidaram outros portugueses para uma reunião, com o objetivo de discutir a criação de uma associação de auxílio a lusos pobres e indigentes.

A primeira reunião aconteceu no dia 21 de agosto de 1859, na casa de Ayram Martins, na Rua Direita, 20 (hoje Rua XV de Novembro). Estavam presentes vinte portugueses abastados, negociantes e comerciantes, pessoas de destaque na colônia portuguesa e na sociedade santista. Foram elencados os objetivos: solidariedade humana, ação para reagir contra as moléstias, condições de trabalho fatigante, educação, proteção aos irmãos em terra hostil desde a perda da hegemonia política (aqui uma referência ao período posterior à independência e a possíveis tensões na cidade).

O DISCURSO DE AYRAM MARTINS

Ayram Martins era um grande orador, buscou apoio dos lusos ricos por toda a cidade, inclusive no jornal, conclamando todos para uma grande reunião onde, se discutiria a criação da Sociedade.

O seu discurso é iniciado num tom patriótico, lembrando a terra distante, onde residiam parentes e amigos e louvou a caridade e beneficência tradicional dos lusos, e que aquele era um momento oportuno para todos se unirem na obra humanitária que atendesse aos compatriotas desvalidos. Todos apoiaram. Foram lidos os Estatutos previamente elaborados e aprovados na assembleia.

O PROGRAMA DE AUXÍLIO

O programa era bem abrangente e nele constavam também as comemorações pátrias, entre elas o aniversário do rei D. Pedro V, que devia ser comemorado com grande solenidade, intencionavam que o nome da Sociedade fosse D. Pedro V, que por várias razões acabou por não acontecer.

O Estatuto aprovado na assembleia de 21 de agosto de 1859, estabelece, procura emprego honesto para seus associados que estivessem desempregados; alimentar os indigentes que não pudessem trabalhar e sustentar-se; socorrer enfermos privados de recursos; sepultamentos e sufrágios religiosos daqueles que morressem muito pobres; facilitar a educação e ensino, tanto moral como industrial à mocidade desvalida; meios para quem precisasse sair do país e mudar-se para outros lugares em caso de doença grave; meios para a defesa e liberdade nos envolvidos em processos criminais e não tivessem quem os defendesse; auxiliar os que precisassem ou fossem obrigados a rescindir contratos de locação e serviços (quando houvesse motivo justo); os sócios deveriam ter comportamento exemplar para receber auxílio e quando os fundos fossem suficientes criar uma casa de educação, asilo e oficinas industriais.

Um dos itens mais importantes do Estatuto é a construção de um hospital, assim que fosse possível. Enquanto os fundos fossem insuficientes o auxílio inicialmente iria para as viúvas e órfãos dos associados. Os portugueses não associados também deviam ser atendidos em casos de extrema necessidade. São igualmente estabelecidos os valores que os associados deviam pagar; as categorias de associados; os cargos administrativos e sobre o patrimônio da Sociedade. Além disso, chama a atenção para que, aqueles que exercendo, cargos administrativos fiquem atentos aos problemas, auxiliando com conhecimento o Conselho Administrativo e com dinheiro sempre que se faça necessário.

Não é de admirar que durante anos os principais diretores fossem homens ricos e que alguns fossem reeleitos para várias gestões.

ELEIÇÃO DA PRIMEIRA DIRETORIA EM 16 DE SETEMBRO DE 1859

O presidente eleito para a primeira diretoria é Manuel Alves Ferreira da Silva, primeiro vice-cônsul de Portugal em Santos, e presidente da primeira diretoria da Sociedade Portuguesa de Beneficência. Seu discurso atenta para a caridade e a união,

Senhores: a Sociedade que acabamos de instituir deve ser bem aceita por todas as nacionalidades, porque é uma sociedade filantrópica, uma sociedade de beneficência /.../ é necessário que todos nós sejamos unidos como verdadeiros irmãos, e como tal nos tratemos, pondo de parte mesquinhas paixões e concorrendo todos para o mesmo fim...

AGOSTO DE 1859 A DEZEMBRO DE 1867

As reuniões que se sucedem até dezembro de 1859, tratam de acertar questões financeiras e primeiros socorros, aumentar o quadro de associados, discussões sobre faltas às reuniões e ocupação de cargos.

No dia 18 de dezembro de 1859, na residência de Manuel Alves Ferreira da Silva, na Rua da Cadeia (hoje Rua Itororó), compareceram 27 sócios para a Assembleia Geral que elegeria o Conselho para o ano de 1860, e Manuel foi reeleito para o cargo de presidente. O relatório apresentado nessa data aponta 119 sócios, 18 eliminados por falta de pagamento.

A nova diretoria toma posse na reunião de 01 de janeiro de 1860. O relatório de contas é apresentado. Verifica-se também a necessidade de reformulação dos Estatutos.

Nesse período sucedem-se diversas ações de auxílio. Nos primeiros tempos as atas das reuniões registram principalmente despesas com funerais e auxílio às viúvas, órfãos associados e atos de ajuda a não associados indigentes, cujas despesas eram em boa parte pagas pelos diretores e conselheiros. O vasto programa, inicialmente elaborado, era difícil de cumprir em todos os seus itens, demandava muito dinheiro, e a Sociedade ainda não o possuía.

As constantes epidemias e doenças, a própria Guerra do Paraguai atingem a população, o comércio e a vida da Beneficência. Muitos homens deixam a cidade para se incorporar aos batalhões de guerra. Até diretores da Instituição o fazem. Os diretores e conselheiros buscam constantemente meios financeiros para fazer frente às crescentes despesas. O foco principal agora é o hospital.

ESTRATÉGIAS E AÇÕES DOS DIRETORES

A necessidade de fundos para que a Instituição continuasse a cumprir com suas obrigações, relacionadas com enfermos, funerais, viúvas e órfãos, faz com que os diretores promovam algumas estratégias. Uma intensa propaganda em jornais tem início, enfatizando as vantagens de associar-se à Beneficência Portuguesa.

Conforme ata da reunião de 7 de julho de 1861, Antônio da Cunha Guimarães, um dos fundadores da Sociedade, exercia o cargo de síndico, foi encarregado de anunciar no Jornal "Revista Comercial" as vantagens oferecidas aos sócios pelos estatutos como forma de propaganda, a diretoria durante vários trimestres, por anúncios publicados, conclamará a todos os portugueses residentes em Santos, a se associarem à Beneficência. O *Livro de Registro de Sócios da Beneficência*, mostra em alguns períodos uma associação em massa de portugueses à Instituição, proveniente dessa propaganda.

As estratégias ampliam-se, pequenos festejos, mas que chamam a atenção da colônia lusa e da sociedade santista. Solicitam-se subscrições. São publicados os feitos da Sociedade e o auxílio prestado, atraindo a simpatia da população. Apresentação de récitas, músicas

e canto, leilões de prendas, sobretudo com o apoio de artistas de teatro e poetas, reúnem grande público, mantendo o foco na Sociedade e no trabalho prestado, incentivando às doações em dinheiro, materiais de construção, profissionais liberais, como médicos e advogados que prestaram serviços gratuitamente.

ANOS DE 1866 E 1867: OFERECIMENTO DE DONATIVOS

Em 1866 há uma grande festa, com récita, leilão de prendas e apresentações artísticas, com grande arrecadação de fundos. O presidente da Sociedade, Manuel Lourenço da Rocha, na reunião, de 27 de novembro de 1867, propõe a compra de um terreno para a construção do hospital, uma vez que, já havia em caixa alguns fundos provenientes principalmente das estratégias e ações propostas. Alguns diretores acreditavam ser prematuro. Mas, um importante donativo, veio do comendador António Ferreira da Silva, português, comerciante e capitalista, também um dos fundadores da Associação Comercial de Santos, e membro da Câmara na década de 1830, casado com d. Luísa Ferreira da Silva. O casal Ferreira da Silva eram os pais de António Ferreira da Silva Junior, nascido em Santos, que foi vice-presidente das duas primeiras diretorias, 1874-1875 e 1875-1876 e presidente em 1879-80 e 1881-1883 e 1884 da Associação Comercial. Recebeu os títulos de barão e visconde do Embaré, exerceu a vereança municipal; deputado provincial em 1885 e provedor da Santa Casa de Misericórdia de Santos em 1880-1882.

É importante lembrar que, Manuel Lourenço da Rocha, nesses primeiros tempos, foi figura exemplar à frente da Sociedade, era comerciante, instalado na Rua Meridional, 24 (hoje Rua Visconde do Rio Branco), com loja de fazendas e armarinho. Nasceu na cidade do Porto em Portugal, em 1817, casado com d. Elisa Carolina Pereira. Faleceu em 30 de agosto de 1886, gravemente enfermo, “depois de suportar a ingratidão de pessoas que não haviam compreendido a natureza do lance que o levou ao colapso comercial”.

Seguem-se outras doações e também os títulos de benfeitores e beneméritos. Seus nomes constam do *Livro de Registro de Sócios*.²

Foi presidente por diversas gestões, de 1863 a 1872, disponibilizou recursos próprios sempre que necessário, para o pagamento de despesas da Instituição e lançou a pedra fundamental do hospital da Beneficência em 12 de abril de 1868, no bairro do Paquetá, no terreno doado pelo comendador, António Ferreira da Silva, no local conhecido como “Bexiguentos”.

Nos anos mais difíceis de afirmação da Sociedade, Manuel Lourenço da Rocha esteve presente. Tornou-se sócio benemérito, seu retrato a óleo foi inaugurado em uma cerimônia, hoje ocupa lugar de honra no salão nobre da Instituição.

1 Historias e Lendas de Santos. Biografias. www.inf.br/santos/h0315d19.htm.

2 Historias e Lendas de Santos. Biografias. www.inf.br/santos/h0333i.htm/

Outra figura de destaque nas primeiras diretorias foi o tesoureiro, Antônio de Freitas Guimarães, titular da firma comissária de café, Freitas Guimarães e Cia., na Rua Santo Antônio, número 27. Prestou relevantes serviços à Beneficência, ocupando diversos cargos. Por sua dedicação aos cargos exercidos e fundos que ofereceu à Beneficência, recebeu o título de sócio benemérito. Na *Associação Comercial de Santos* foi, presidente e membro ativo em outros cargos e dedicou esforços à Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio de Santos.

Destacam-se também outros nomes nas diretorias dos primeiros tempos, por serviços prestados e saneamento de despesas da Beneficência. Antônio Pereira da Costa Guimarães, português, comerciante, um dos fundadores da Beneficência e da Associação Comercial de Santos, integrou o primeiro corpo diretivo da Beneficência no cargo de Conselheiro. Recebeu depois o título de benemérito; Antonio José Silva Bastos, comerciante por atacado e membro influente na colônia portuguesa; Comendador, Antônio Nicolau de Sá, grande participação na vida comercial e social da cidade, prestou eficiente colaboração à Sociedade, presidente em 1878. Tornou-se sócio benemérito.

Alguns dos fundadores e membros das diretorias da Sociedade, também pertenceram aos quadros diretivos de outras associações e instituições da cidade.³

CRISES FINANCEIRAS PARALISAM AS OBRAS

Por diversas vezes as obras foram paralisadas por falta de recursos. A solução encontrada foi a cotização dos diretores e conselheiros, campanhas para a entrada de novos sócios e récitas que sempre davam excelentes resultados.

Em reunião de 12 de fevereiro de 1870, o relatório de contas aponta a falta de recursos para continuar as obras do hospital.

O diretor João Gonçalves Corvello, se pronuncia contra à paralisação, porque isso provocaria certo descrédito da Instituição. Essa questão sempre é discutida em reuniões: “não entram novos sócios porque o hospital não está pronto”. Os diferentes pontos de vista criam polêmicas e estremecimentos. As obras continuaram com recursos da tesouraria e dos diretores para que a imagem da Sociedade não fosse denegrida.

Entre os nomes que mais se destacaram na Beneficência, está o de João Gonçalves Corvello, que prestou relevantes serviços e fundos à Sociedade. Comerciante e proprietário da Casa Comercial Corvello e Filho, inicialmente na Rua Setentrional, número 20, no ramo de fazendas e armarinho. João era açoriano da Ilha Terceira, casado com d. Luisa Corvello. Radicou-se com a família em Santos em 1855. Seu filho Raimundo Gonçalves Corvello, nas-

³ *Idem.*

ceu em 1848, na cidade de Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, Açores, arquipélago que pertence a Portugal. Homem de grande atividade na vida comercial, um dos fundadores do Clube XV, diretor da *Associação Comercial de Santos*, e sócio da Beneficência.

Os diferentes pontos de vista não afetam a busca por soluções e avanços. A maioria dos diretores e sócios ricos fez doações e se uniu para o bem da Instituição. A construção do Hospital da Beneficência é fruto dessa luta e objetividade que mantiveram as diretorias e de alguns brasileiros e estrangeiros que se tornaram benfeitores e beneméritos da Sociedade, (como consta no *Livro de Registro de Sócios*. Além do sentido humanitário esses títulos enobreciam de certa forma aqueles ajudavam a Instituição).

O APOIO DOS ARTISTAS E POETAS

Os artistas tocados pelos objetivos da Sociedade deram inestimável apoio financeiro, com a doação da renda de espetáculos por parte de Companhias e de artistas independentes, como Luis Keller, João Eloi Quezada, José Vitorino de Azevedo, Luis Emílio de Vasconcelos, entre outros, daí seu registro no livro de associados como beneméritos e benfeitores. Poetas, igualmente atraíam grande audiência e jornalistas cobriam eventos. Sua pena e sua palavra emocionavam.

No dia 20 de setembro de 1872, realiza-se um grande leilão de prendas. O local, o teatro Guarani, o convidado especial, o poeta Xavier da Silveira. A poesia, “Festa da Caridade”, que fala da noite fria, da fome, da tristeza, dos abandonados e tudo se ilumina com a caridade. Há aí a referência à Beneficência.

O Jornal *Revista Comercial* noticia e escreve sobre o grande evento:

... à luz de gás acetileno, das gambiarras, bambinelas e do proscênio, o garboso e jovem poeta Xavier da Silveira, queridíssimo do povo santista sob reboante salva de palmas. Dificilmente silenciado o público, o Poeta meneou a cabeça para compor a bela cabeleira romântica, e recitou, em voz trovejante, mas cheia de doçura e paixão, ternura e melancolia quase musical, a poesia sob a epígrafe “Festa da Caridade”. Toda audiência sob funda comoção, havendo algumas senhoras em soluços e lágrimas escorrendo nas faces de conspícuos cidadãos, prorromperam em aplausos ardorosos e infindos. O poeta também se emocionou.

Personagens bem escolhidas, grande público, grande bilheteria.

O poeta faleceu aos 34 anos, em 1874, vítima da epidemia de varíola que assolou a cidade de Santos. Há grande consternação na Beneficência. A epidemia reaparece com força devastadora nos anos de 1876 e 1877. O hospital, inacabado, adapta enfermarias para o tratamento dos doentes.

O Hospital da Beneficência é finalmente aberto em 06 de janeiro de 1878, com enfermarias e farmácia, montadas com todos os equipamentos necessários, com enfermeiro assalariado e dois médicos prestando serviços gratuitamente. A abertura do Hospital, “encerra” a primeira fase da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos.

CONSIDERAÇÕES

Ao longo de quase duas décadas, diretores e conselheiros, alguns eleitos para várias gestões da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos, desenvolveram estratégias e ações que propiciaram chegar à reta final no que tange principalmente à construção do hospital.

A propaganda foi bem utilizada, publicaram em jornais tudo o que era feito, desde campanhas para aquisição de novos associados, festas, subscrições, leilões, benefícios oferecidos e prestados. As doações em dinheiro, terreno, materiais de construção, serviços gratuitos, entre outros, foram fundamentais para erguer o hospital e ajudar a manter a Instituição.

Os diretores e conselheiros conseguiram levar a Beneficência adiante em tempos difíceis. Fizeram projetos e parcerias a fim de cumprir os principais objetivos propostos em 1859, quando da fundação. Fizeram a união. Sensibilizaram médicos, artistas, negociantes e comerciantes lusos, brasileiros e estrangeiros, a colônia lusa e a população santista. Criaram um sistema de atendimento aos enfermos, viúvas, órfãos e outros necessitados.

As apresentações teatrais, récitas, bazares, leilões de prendas fizeram parte dessas estratégias de arrecadação de fundos. A propaganda em torno dos eventos, com nomes conhecidos, levava à procura de ingressos que se esgotavam rapidamente.

A ação das diretorias, o apoio da população, dos artistas e poetas, benfeitores e beneméritos construiu a história da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos, em seus primeiros tempos, deixando importante legado à colônia portuguesa e à sociedade santista.

Fontes e Referências bibliográficas

Atas de Assembleias e reuniões de diretorias

Histórias e lendas de Santos. Biografais em www.novomilenio.inf.br/santos/h0333i.htm

www.novomilenio.inf.br/santos/h0315d.htm

Livro de registro de sócios da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos.

FRUTUOSO, Maria Suzel Gil, 1989. *Emigração Portuguesa para o Brasil: o caso de Santos _ 1850-1950*. Dissertação de Mestrado. USP/SP.

JUNOT, Jaime, 1951. *A Beneficência*. São Paulo: Revista dos Tribunais.